

■ Plínio Sampaio Jr.

A impressão é de que estamos passivamente a caminho da câmara de gás

76



Não vamos sair desses planos de uma maneira relativamente organizada porque a crise de confiança no conjunto das instituições é muito grande. Continuamos a enfrentar a desconfiança na moeda. Há uma instabilidade precária, todo mundo está vendendo o crescimento dos preços, aumentam as pressões especulativas, e o governo continua demonstrando imobilismo para enfrentar os problemas que vão aparecendo. Tudo que o governo faz é acentuar as incertezas. Até a recessão, que poderia ser um elemento forte, aprofunda as incertezas pela forma como é feita.

O governo tem dificuldade para acumular reservas, o que é necessário para recuperar a confiança na moeda. Qualquer que seja o caminho que escolher, seja pela liberalização, seja defendendo um outro modelo de reorganização da economia, ele não vai para a frente sem reservas, pois não conseguirá enfrentar o desbloqueio dos cruzados, que a sociedade está exigindo. É preciso organizar já a entrada desse dinheiro no mercado, sob o preço de se desestabilizar ainda mais a economia.

Outro ponto é isolamento político do governo. Acreditaram que surgiria um bloco social-democrata para dar consistência ao governo, mas não apareceu bloco nenhum. Também não apareceu o bloco liberal. Na verdade, o governo procura apoio em métodos fisiológicos, troca votos por verbas, diante de uma situação de gravidade. Em alguns momentos se pode fazer isso sem prejuízo para o país, mas nunca num momento de crise. Com isso, não se organiza e não permite que se organize uma alternativa. Como fica a oposição quando Brizola se entrega ao Collor do jeito que se entregou? Além disso, o *Projeto*, que marcaria o segundo ano do governo, deve ter sido sugestão de um assessor de marketing.

Num momento de crise, importante é reestruturar a confiança em tudo, na moeda, no estado, no sistema financeiro. Isso não é uma moeda política que se possa usar. Vamos entrar num cenário que tende a acentuar as incertezas e a instabilidade, pois o governo meteu o país numa armadilha recessiva. Essa recessão é desestabilizadora. E para continuar segurando a inflação, na medida em que as pressões forem aumentando, o governo aprofunda a recessão.

Na verdade, o doente não dá sinais de reação. E a questão do tempo vai ficando cada vez mais dramática. Uma coisa é perder dois anos no começo da década, outra é perder um mês agora, quando a crise é aguda. Tenho a sensação de tempo perdido. O governo pediu que se esqueça o seu primeiro ano, mas continua sem fazer nada. Ainda não disse ao que veio e as oposições também não. O caminho do governo é extremamente perverso. Nãoarma o projeto dele e impede que outros armem. Mesmo as oposições procuram se defender da crise com reações corporativistas, defesa econômica, que, além de progressivamente ineficazes, não conduzem o país a lugar algum.

Continua na pauta a questão de estabelecer uma agenda de negociação de uma saída para a crise, que implique em se pensar de maneira articulada numa política de estabilização. Uma política que encaminhe as chamadas reformas estruturais. Tenho a impressão de que estamos caminhando passivamente para a câmara de gás. É o que vejo em todos os cantos. E não só no discurso da direita do governo. É no discurso da direita, do centro, da esquerda, dos sindicatos, de todo mundo. Alguns caminham com mais realismo, outros com menor.